

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, F. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

\_\_\_\_\_. **De Magistro**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

\_\_\_\_\_. **A cidade de Deus: parte II**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1990.

\_\_\_\_\_. **A cidade de Deus: parte I**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1991.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

*Revisado por*

## 4. CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho, pude notar que ao estudar a filosofia de Santo Agostinho temos inevitavelmente contato com seu pensamento religioso e com base neste, conhecemos também o caminho para aquilo que foi tema desse estudo: "a felicidade". Para Santo Agostinho o homem é um ser cuja finalidade última é ser feliz e em busca desta felicidade ele procura em vários objetos sua realização. A busca da felicidade consiste em exercitar o modo de pensar na inclinação para Deus, que é o bem supremo, e minimizar as manifestações e seduções do mal. O mal existe nas criaturas boas e pode corrompê-las, distanciando-as da felicidade, por isso Santo Agostinho insiste na importância do conhecimento e do estudo, porque conhecendo que o mal se manifesta nas criaturas boas, como instrumento de corrupção, quanto mais nós conhecemos essa realidade mais consciência teremos dela.

Santo Agostinho faz da filosofia um instrumento de exercício da razão no cultivo do bem e conseqüentemente na busca da felicidade como fim último. Para ele todos os homens querem ser alegres e felizes, mas a verdadeira alegria só vem de Deus, ele diz ainda que os desejos são em sua maioria enganosos e não podem nos fazer chegar à felicidade, uma vez que esta só está em Deus, e portanto para ser feliz precisa se achegar a Deus, causa e razão de toda a felicidade.

vida feliz, e não há outra.” (AGOSTINHO, 1987, p. 187). A visão de Deus é o objetivo supremo. Mas, ao dizer que a felicidade se encontra em Deus, não pensava, como os neoplatônicos, na contemplação puramente teórica e filosófica do ser, mas na união e possessão amorosa de Deus e, mais exatamente, na união sobrenatural com Deus oferecida ao homem como término do esforço ajudado pela graça.

*O homem é um ser cuja finalidade última é ser feliz. Em busca desta felicidade ele procura em vários objetos sua realização. Porém, toda e qualquer felicidade encontrada é apenas imagem, mera sombra da verdadeira felicidade. “Podemos então concluir que nem todos querem ser felizes porque há alguns que não querem alegrar-se em vos, que sois a única vida feliz?” (AGOSTINHO, 1987, p. 187). Continuando nesse caminho, o homem se vê obrigado a reconhecer que apenas o Ser Imutável, Eterno e Perfeito pode possuir a verdadeira felicidade. Isto porque, detendo todas as perfeições, só ele, e apenas ele, pode completar a existência. Devido a isso, o homem, por sua livre vontade, busca a Deus, completando sua felicidade, perdendo-se em Deus e n'Ele encontrando-se.*

*Para Santo Agostinho, todos os homens querem ser alegres e felizes, mas a verdadeira alegria só vem de Deus. A carne e seus apelos, a matéria, podem levar o homem a confundir-se e fazer aquilo que pode fazer, mas não que realmente quer fazer. Deus é a felicidade porque é a verdade. É a alegria reside na verdade. Esta é uma só, e Deus a sua fonte. Reside ela na memória, pois, como exemplifica Santo Agostinho, desde o episódio de sua iluminação em que encontrou a serenidade de espírito, Santo Agostinho encontrou sempre a mesma verdade, e dela se lembrou. Desde que conheceu a Deus, dele se esqueceu, e este permanece em sua memória como fonte de suas delícias.*

Resumindo, o homem deve invocar a Deus, mas este já habita nele. Para voltar a encontrar a verdade, tem de purificar sua alma, livrando-se principalmente do orgulho e da soberba, das comoções da carne, seguindo exemplo de Jesus Cristo, que foi ao mesmo tempo Deus e homem, verbo imortal e carne perecível. Este morreu para salvar o homem do pecado original, e pode por isso conduzi-lo a Deus, causa e razão da felicidade..

a única fonte de felicidade que seria então, para Santo Agostinho, Deus, pois só nele deveríamos nos alegrar: “A vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra.” (AGOSTINHO, 1987, p. 187).

Pode-se até criticar o fato de que a filosofia de Santo Agostinho leva o homem a crer em Deus sem saber quem é ele. Pode parecer absurdo dizer que se deve crer sem saber em quem se crê, mas precisamente a verdadeira fé está aí, sem provas nem esclarecimentos, nem saber algum. Quanto mais absurdo é, quanto mais obscuro é, é melhor, pois mais absoluta é a fé. E, claro, deve –se renunciar a toda felicidade terrestre e abster-se de todo prazer, pois todo desejo é mau como já foi dito e a única felicidade está em Deus, nas palavras de Santo Agostinho: “Os que julgam que existe outra apegam-se a uma alegria que não é verdadeira” (AGOSTINHO, 1987, p. 187).

Se o homem busca certo nível de realização e o alcança, seu desejo não se inquietará, pois o bem que alcança é mutável e perecível. Apenas o que é permanente e imutavelmente bom pode satisfazer o coração do homem. Santo Agostinho confessa o foco dessas definições para si quando diz: “Longe de mim, senhor, longe do coração deste vosso servo, que se confessa a Vós, o julgar – se feliz, seja com que alegria for”. (Agostinho, 1987, p. 187) elucidando assim a lacuna da falta de Deus e a impossibilidade de ser feliz longe deste Santo Agostinho diz ainda mais adiante: “Há uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas só aqueles que desinteressadamente Vos servem: essa alegria sois Vós.” (AGOSTINHO, 1987, p. 187).

O que coloca o bem supremo do homem no corpo põe sua esperança em si mesmo mas a criatura racional foi feita de tal modo que não pode ser por si mesma o bem pelo qual é feita feliz. Este bem, tão básico para a felicidade humana, não pode estar no homem, pois este é mutável, insuficiente por si mesmo. Apenas Deus é este sumo e supremo bem. Há em todos os homens um desejo natural de Deus, o bem supremo. Podemos concluir então que se o homem tem por finalidade ser feliz e que a felicidade então está posta em Deus, na finalidade do homem está também a busca por Deus que é razão de sua felicidade.

Deus, que é amado por tudo que é capaz de amar, consciente ou inconscientemente. A verdadeira felicidade só poderá ser encontrada em Deus, pois o alvo mais elevado da esfera humana é estar unido a Ele. Segundo o próprio Santo Agostinho: “a vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a

domínios das sensações Santo Agostinho diz: “Maravilha-me muito que homens de tal maneira sábios, que pensaram que todas as coisas corporais e sensíveis devem pospor-se às incorpóreas e inteligíveis, façam, quando tratam da vida feliz, menção dos contatos corporais” (AGOSTINHO, 1991, p. 356). A alegria seja lá como for não pode ser em Santo Agostinho encontrada na inteligência, na boa comida como já dissemos e muito menos nas coisas carnis, o estudo de Santo Agostinho nos torna tão cativos dessa sua idéia, que é possível afirmar sem sombra de dúvidas que dentro da filosofia de Santo Agostinho está em Deus e unicamente nele a possibilidade de ser feliz, e ainda mais, qualquer desejo ou tentativa de ser feliz de outra forma esta vedada, as palavras de Santo Agostinho mostram isso quando dizem: “Longe de mim, Senhor, longe do coração deste vosso servo, que se confessa a Vós, o julgar-se feliz, seja com que alegria for.” (AGOSTINHO, 1987, p. 187).

A felicidade do filósofo e buscada em Deus porque podemos notar que em sua filosofia, a tese central é de que o homem é em sua essência mau, isso pelo pecado original. É esta é a causa do homem ser sujeito a desejos viciosos e se comprazer no mal, com isso o homem então fica com a única escolha de caminhar pelos caminhos da fé sem o usar a razão e viver o caminho puro para então poder gozar da felicidade, pois nas palavras do próprio Santo Agostinho: “Há uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas só aqueles que desinteressadamente Vos servem: essa alegria sois Vós.” (AGOSTINHO, 1987, p. 187).

Comparando o pensamento agostiniano com grande parte do pensamento da filosofia de nosso tempo podemos ver que muitas correntes filosóficas vão *totalmente contra essa noção de felicidade somente em Deus que Santo Agostinho prega*, parece que se olharmos com os olhos de tudo que se entende de filosofia, não vemos muita lógica nas suas propostas. Porém para Santo Agostinho o viver religioso e a busca de Deus não diminuem nossas capacidades sejam elas quais for, porém dispensa as nossas capacidades humanas, pois para ele a felicidade, que é a *graça, não elimina a liberdade, mas a restaura em sua eficácia, tornando-se capaz de fazer o bem e evitar o mal*. Se o pecado é a ruptura com Deus e a precipitação da alma na matéria, a religião será, ao contrário, o desligamento da matéria e o encaminhamento da alma na direção de Deus. O cristão será, assim, realmente filósofo, pois a felicidade, única razão de filosofar, só ele a pode alcançar, pois *conhece o verdadeiro Bem, fonte de toda beatitude. É mais ainda o cristão conhece*

### 3. DEUS COMO CAUSA E RAZÃO DA FELICIDADE

Respondeu-lhe, pois, Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. (Evangelho de São João, capítulo VI versículo XXXVIII)

Todo o pensamento agostiniano e sua estrutura lógica giram em torno da convicção de que Deus criou o mundo para que este, o mundo, se realizasse nele, Deus. O Senhor é o princípio de tudo, firmava-se Santo Agostinho nas declarações do Evangelho de João. Sendo assim, a compreensão do mundo deve partir da compreensão do Criador e a compreensão do criador deverá partir da interioridade do homem. Isso parece íntimo em Santo Agostinho. Os homens, na busca de uma intimidade maior conseguem mesmo, se defrontar com o seu criador e nele se encontrar.

O homem antes do pecado original, foi em um tempo feliz, e ainda há resquícios desta felicidade, que foi vivida em seus momentos de proximidade com Deus. Quando se afastou de Deus pelo pecado o homem então deixou de ser feliz, assim sendo podemos certamente dizer que na concepção agostiniana a vida feliz só pode ser alcançada quando se busca a Deus. é voltando a ele que o homem atinge a verdadeira felicidade, e seu ser se completa. Como diz Santo Agostinho, "Tarde Vos Amei, Senhor", (AGOSTINHO, 1987, p. 190), pois sem que ele o soubesse, Deus sempre esteve presente em sua vida, e sua desesperança só teve fim quando retornou a Deus, ou quando se lembrou de Deus. Esta volta só pode ser feita por intermédio do Cristo, que por suas qualidades e por seu sacrifício deu nos a possibilidade da vida e da felicidade eterna, isso nos diz Santo Agostinho no capítulo quinze do livro nono da cidade de Deus quando ele diz: "O bem aventurado mortal fez – se mediador e sofreu a prova mortal para dar imortalidade aos mortos(prova – o a ressurreição) e aos infelizes a bem–aventurança que jamais se retirou dele". (AGOSTINHO, 1991, p. 356).

A filosofia agostiniana é clara direta e até excludente quando estudada procura onde esta a felicidade, pois podemos com certeza dizer que para Santo Agostinho a única felicidade esta em Deus e na sua vontade tanto que tomando por base as colocações de tantos outros que diziam que o viver feliz consistia nos

que me devia transformar noutro homem, maior era o horror que me incutia. Mas este não me repelia para trás nem me desencaminhava. Simplesmente mantinha indeciso. (AGOSTINHO, 1987, p. 142)

Contudo, a sua vontade jamais se afastará de alguma imagem de alegria...” (AGOSTINHO 1987, p. 187).

Podemos desde já tirar uma primeira consequência da análise precedente, quanto as nossas possibilidades, uma vez que já é claro que não podemos constituir um estado contínuo de satisfação, o que é propriamente a felicidade, com prazeres que só podem ser breves, consecutivos a um tempo prévio muito mais longo de desejo portanto de mal estar, até mesmo de sofrimentos, uma vez que só pode haver prazer depois de um desejo. Tomemos então por exemplo a gula, um dos desejos que Santo Agostinho discorre no seu livro as confissões. Quando comemos aquilo de que gostamos, é claro que primeira sentimos prazer. Depois ficamos saciados, uma certa indiferença para com as comidas que comemos toma conta de nos, já não temos mais desejo, e se insistíssemos em comer seríamos tomados de enjôo em vez de prazer, Santo Agostinho mostra isso quando diz: “ensinastes-me a tomar os alimentos, só como remédio. Mas, quando passo de tormento da indigência ao descanso da saciedade, o laço da concupiscência arma-me ciladas no caminho.” (AGOSTINHO, 1987 p. 192-193). Nesses caminhos o filósofo vai fazendo a distinção do que é saudável e do que é meramente prazeroso, pois segundo ele, há caminhos menos tortuosos a se seguir para vivenciar as necessidades que muitas vezes temos, no caso da busca do prazer na glotonaria ele diz: “Sendo a saúde o motivo do comer e beber, o prazer junta-se a esta necessidade, como um companheiro perigoso.” (Ibidem, p. 193). Neste caso da gula, e principalmente neste, ele mostra que existe a necessidade incontestável de se comer, e a busca de prazer em comer muito e com variedade se torna ante isso algo do desejo que aqui nos propusemos estudar, um desejo que só pode trazer um prazer momentâneo, uma vez que a própria característica do desejo está unicamente de levar o que o possui a satisfazer a necessidade que este o impele a buscar. Santo Agostinho nos provava isso quando dizia sobre si mesmo:

A paixão arraigada em mim, dominava-me mais do que o bem, cujo hábito desconhecia. Ao passo que se vinha aproximando o tempo em

insatisfeito que jamais conhecera a felicidade. A necessidade de afirmação que nasce da vaidade e do desejo.

A maioria dos homens evita sempre realizar reflexões semelhantes às que acabamos de efetuar. Para eles, o caminho da felicidade é simples, ao menos quanto a sua direção. Hoje em dia basta acumular certo número de bens, de satisfações, na verdade todos os que podemos desejar, para alcançá-la. Ora, acontece que vivemos numa sociedade industrial avançada que se atribui à missão de produzir todos os bens de que necessitamos para ser felizes e oferecer a nós tudo o que poderíamos pensar em querer embora muitas vezes esses bens não nos sejam motivo da real felicidade, pois essa reside como já foi dito a vontade de Deus e por isso ser justo, como disse o próprio Santo Agostinho: “A verdade é que se refletimos um pouco, vemos que não vive como quer senão quem é feliz e que apenas o justo é feliz.” (AGOSTINHO, 1990, p. 166). O justo então é aquele que segundo o que podemos compreender, conheceu a liberdade sobre os desejos e conseguiu fazer de sua relação com Deus e na sua esperança eterna o alívio para suas tentações e provações. Podemos perceber que, esse sentido de provações e de vistas nos escritos de Santo Agostinho, vão mais uma vez, contra os princípios que norteiam muitas vezes todos os impulsos de busca pela felicidade nos nossos tempos, pois, se desejar é carecer, é também sofrer dessa carência. O desejo insaciado é sofrimento. O estado de desejo não é nem um pouco agradável, é um estado de impaciência, enervamento, aflições, variadas que somente podem ser atenuadas pela antecipação imaginativa do prazer vindouro, mas somente se temos certeza de experimentá-lo, e não na dúvida e na inquietude como sempre acontece. Portanto, não se deve confundir o desejo, que é doloroso, e ainda mais doloroso quanto mais intenso é, com a satisfação do desejo, que é o momento do prazer, mas também do desaparecimento do desejo, já que o desejo se esvai e morre desde que se obteve o que se desejava. O próprio Santo Agostinho já alertava sobre a brevidade desses desejos quando exortava que a felicidade só e completa se buscada em Deus: “Os que julgam que existe outra (felicidade) apegam-se a uma alegria que não é verdadeira.

## 2.O DESEJO QUE NEM SEMPRE TRAZ FELICIDADE

Ouvi – me, ó meu Deus! Ai dos pecados dos homens!É um homem que assim fala.  
(Santo Agostinho).

Santo Agostinho aparece-nos como o testemunho mais privilegiado desta época, uma das maiores da história, que assinala o fim do paganismo. A "cidade dos homens" se transforma em "cidade de Deus". A especulação cristã realiza seu pleno e autêntico significado humano. A investigação humana deixa de ser puramente objetiva para acomodar-se ao homem que a realiza. O problema de Santo Agostinho agora é o homem.

É possível, sem sombra de dúvidas, afirmar com base no pensamento agostiniano que os desejos e paixões impedem um bom uso da razão, e impedem uma vida contemplativa. Precisamos ainda acrescentar uma coisa a análise precedente: não contente em dar-nos apenas curtas e sutis satisfações, no fundo bem decepcionantes, o desejo não para de renascer. Incidindo o mesmo desejo a cada vez sobre o que é mais ou menos um novo objeto. Assim, o desejo nunca fica plenamente satisfeito, por exemplo, aquele a quem o dinheiro se tornou um vício nunca está satisfeito com o que tem ansiando sempre mais. Em suas confissões Santo Agostinho deixa isso bem claro, ele mostra as conseqüências trágicas do podemos chamar de desregramento e o quanto isso pode se distanciar da felicidade real alcançada em Deus, isso fica claro quando ele nos diz no livro segundo das confissões:

Quantas vezes, na adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em prazeres infernais, ousando ate entregar-me a vários e tenebrosos amores! A minha beleza definhou – se e apodreci a vossos olhos, por buscar a complacência própria e desejar ser agradável aos olhos dos homens. (AGOSTINHO, 1987, p. 29)

Com base no que foi acima citado podemos com toda certeza observar que os desejos dos homens são em sua maioria vis e o que se torna mais interessante nessa analise é que o homem, mesmo tendo satisfeito suas necessidades vitais, põem-se em busca de aventuras, de novas sensações. O homem é o eterno

A graça divina se revela no homem como liberdade. A vontade humana de libertação é ação da Graça. O homem tem como finalidade ser feliz, mas, devido ao mal que o escraviza, não possui vontade suficiente para alcançar o bem supremo. Seu amor é pelas coisas temporais. Mas, quando Deus com seu poder atua nele, torna-se apto a alcançar a liberdade. O homem pode ser livre na Graça de Deus.

Chamar de livre um homem que terá a vontade sempre corrompida para o mal é ignorar que ele sempre buscará o mal e terá uma ótica deturbada. Nunca será livre, pois seus atos tenderão para a corrupção. Agostinho não afirma que o homem é impedido por Deus de agir, mas que o homem não consegue mais volver-se para o bem. No entanto, a Graça o habilita a buscar o bem, a novamente ser livre, podendo escolher. Sem a Graça não há liberdade Real e Verdadeira.

A graça efetiva a regeneração do homem. A natureza humana encontra-se depravada por causa da queda e da corrupção causada pela escolha do mal, quando usou da liberdade. A vida retorna quando é restaurada a relação do homem com Deus. A graça cria nova vontade no homem. Isto implica numa infusão de amor. A má vontade - o desejo - orientada em direção ao mundo é substituída pela boa vontade, como resultado, o homem se torna livre para também buscar o bem; anteriormente era incapaz de fazê-lo. Sua liberdade, sua capacidade de fazer o bem é restaurada.

Enquanto durar a vida terrena, esta liberdade é mero início. Sem o auxílio da graça o homem nunca pode fazer o bem. Pois segundo o próprio Santo Agostinho: "Quando Deus recompensa nossos méritos, está realmente recompensando suas próprias dádivas" (AGOSTINHO, 1987, p. 152)

Em suma duas condições são exigidas para fazer o bem: um dom de Deus, que é a Graça, e o livre-arbítrio e sem ele, não haveria problemas; sem a graça, o livre-arbítrio (depois do pecado original) não iria querer o bem ou, se quisesse, não poderia realizá-lo. A Graça, portanto, não tem o efeito de suprimir a vontade, mas sim de torná-la boa, pois que se havia transformado em má. A possibilidade de fazer o mal é inseparável do livre-arbítrio, mas o poder de não fazê-lo é a marca da liberdade - e encontrar-se confirmado na graça a ponto de não poder mais fazer o mal é o grau supremo da liberdade. Assim, o homem que está mais completamente dominado pela graça de Cristo é também o mais livre.

sua natureza é degradada. A tendência do homem a escolher o mal determina o curso de sua conduta e o impede de fazer o bem.

Realmente o homem está livre no que concerne a ações individuais. Ao mesmo tempo, entretanto, sua atitude básica, moldada por sua vontade, é algo que não pode mudar, e até esse ponto, não é livre.

### 1.3 VONTADE RESTAURADORA DO LIVRE-ARBÍTRIO

A vontade só é livre quando não está escravizada ao vício e ao mal. No entanto, ela pode ser restaurada pela graça de Deus. Sem a graça o homem só pode escolher o mal. *"E como ninguém é mau por natureza, pois tudo quanto é mau o é por vício, quem vive segundo Deus deve ódio perfeito aos maus. Tal ódio há de manter-se nesta linha: não odiar o homem pelo vício nem amar o vício pelo homem, mas odiar o vício e amar o homem"* (AGOSTINHO, 1990, p.138) O primitivo livre-arbítrio que foi dado a Adão consistia em poder não fazer o mal. Perdida esta liberdade pela culpa original, a liberdade última consistirá em não poder pecar. Será um dom divino, já que não pertence à natureza humana, e fará dela (a liberdade) partícipe da impecabilidade de Deus. Mas, visto que a primeira liberdade foi dada ao homem para que consiga a última e completa liberdade, é evidente que apenas esta última expressa o que o homem verdadeiramente deve e pode ser. Ele não pode ceder ao mal, a libertação total do mal é uma possibilidade do homem fundada em uma dádiva divina, ou seja: *"Sanado o vício, ficará unicamente o que deve amar e nada do que deve odiar."* (Ibidem, p. 138)

As palavras dele expressam a identidade essencial de Liberdade e de Graça. O que no homem é esforço de libertação, vontade de elevação espiritual, para buscar e amar a Deus é, em sua última possibilidade, a ação gratificante de Deus. Agostinho não pode admitir uma cooperação do homem com Deus, já que o humano não está no mesmo plano da divindade. Deus é o ser que dá a existência e a verdade que dá Lei à sua razão, o Amor que o chama a amar. Sem Deus, o homem não pode fazer outra coisa senão abandonar o Ser, a Verdade e o Amor, isto é, pecar e condenar-se. Por isso ele não pode ter méritos próprios que façam valer diante de Deus. Os méritos do homem não são mais que dons divinos; e a Deus, não a si mesmo, o homem os deve atribuir.

homem em condições de fazer o bem? Em que condições se encontram os homens que nascem depois do pecado de Adão?

Depois da culpa original, que transmite as conseqüências a toda a humanidade, o homem é um ser caído, que não consegue volver-se para o Bem Supremo. Tornou-se incapaz de resistir ao mal. A queda significa que o homem, em espírito de arrogância, afastou-se de Deus e se colocou em direção ao mal. A caridade foi substituída pela vaidade e pelo desejo na vida do homem. Este perdeu assim a dádiva da graça e, com ela, a liberdade, que constituía a capacidade de escolher o bem. Quanto a todos os males conseqüentes da queda Santo Agostinho diz na segunda parte de sua obra *A cidade de Deus sobre Eva e Adão*: "Foi tão enorme o pecado em que consentiram, que, em virtude dele, a natureza humana piorou e se transmitem aos descendentes o próprio pecado e a necessidade da morte" (AGOSTINHO, 1990, p. 131)

Quando o homem, não usou e sua liberdade buscou o mal, sua natureza foi alterada. A razão e a vontade deixaram de controlar os poderes inferiores da alma; por outro lado, esses poderes assumiram posição dominante, e o homem, como resultado, viu-se enredado nas malhas do desejo e guiado pelo mal. O homem agora é incapaz de mudar sua situação. Desde Adão todos perderam sua liberdade plena, seu livre-arbítrio. Sobre isso Agostinho chega a dizer: "Por isso o homem que vive segundo Deus e na segundo o homem precisa gosta do bem e, em conseqüência, odiar o mal." (AGOSTINHO, 1990, p. 138)

Em ocasiões isoladas, a vontade pode dominar o mal, mas a direção da vontade, apesar disso, permanece a mesma. O homem é incapaz de livrar-se do mal, porque nesta situação o mundo é o objetivo da sua vontade e não Deus. O livre-arbítrio está cativo e não pode fazer nada bom. O homem, portanto, perdeu a liberdade de escolher o bem. Como conseqüência, o homem sente-se impelido a pecar. O homem é incapaz de dar o menor passo no caminho do bem. Santo Agostinho deixa isso bem claro em sua própria vida quando ele confessa acerca dos amores carnis: "Que coisa me deleitava senão amar e ser amado?" (AGOSTINHO, 1987, p. 29)

Ao mesmo tempo, no entanto, Agostinho não nega a liberdade em sentido formal. Seu conceito não é determinista. O homem não age como um robô, mas sim livremente. Só que sua liberdade é muito limitada, pois sua essência corrompe-se,

principais sob as quais o mal se manifesta: o sofrimento e a culpa. Ora, o responsável pela culpa é o homem. O mal tem, pois, como causa último o homem.

É, portanto sumamente necessário dizer que se o homem peca nisto consiste a razão de sua infelicidade, pois pecando o homem volta-se contra o criador e conseqüentemente contra sua própria natureza, a infelicidade consiste então para Santo Agostinho, no afastamento das coisas boas e santas em favor de uma vida de pecado, uma vez que se perguntássemos em que consiste a culpa, poderíamos certamente dizer que com base nos pensamentos dele a culpa consiste em submeter-se a razão humana à paixão, em desobedecer às leis divinas, em afastar-se do bem supremo.

Quando o homem se afasta do bem imutável e se volta para um bem particular, inferior, peca, e nisso consiste o mal. Não que as coisas para as quais a vontade se volta quando peca sejam más em si mesmas (nenhuma realidade é ontologicamente má); o mal consiste em cair, em voltar às costas ao bem superior, imutável. Em não ser feliz, não cumprir seu princípio.

E de onde vem esta capacidade de voltar às costas ao bem supremo? Da liberdade. Fazemos o mal pelo livre-arbítrio da vontade. A liberdade é um bem da maior importância porque é a condição da moralidade. Se a ação humana não fosse livre, não poderia ser aprovada, nem desaprovada; seria simplesmente ação humana e nada mais. Só onde há liberdade é que se pode falar de bem e de mal. Porém quanto a esse tipo de conhecimento o próprio Santo Agostinho nos diz: "Infeliz o homem que as conhece, mas vós desconheceis a Vós" (AGOSTINHO, 1987, p. 75)

Seria o mal, então, necessário à ordem divina? Agostinho responde: "Nem o pecado, nem os pecadores são necessários à perfeição, mas as almas enquanto são almas, enquanto são tais que, se querem, pecam, e se pecam, tornam-se infelizes".(AGOSTINHO, 1987, p. 152)

O sofrimento é a conseqüência da culpa. Depois da culpa, o homem está cheio de temores, de desejos, ansiedades. Atormenta-se quando perde alguma coisa que era para ele fonte de alegria, afadiga-se para conseguir o que não tem, encoleriza-se, quando ofendido, e procura vingar-se, é atormentado pela ambição, pela inveja, por uma infinidade de paixões, e tudo isso por ter abandonado a sabedoria, por não aderir à ordem. Mas, depois da culpa original, ainda está o

“Desapareçam, o meu Deus da vossa face, como vãos faladores e sedutores do espírito, os que, ao observarem a deliberação das duas vontades, afirmam que temos duas almas de naturezas diferentes: uma boa e outra má” (AGOSTINHO, 1987 p. 140).

Ainda falando de seus antigos pensamentos ele diz ainda mais adiante na mesma obra algo mais sobre isso:

...deduzia eu a existência duma certa substância do mal que tinha a sua massa feia e disforme - ou fosse grosseira como a que chamam terra ou tênue e sutil como o ar - a qual eu julgava ser o espírito maligno investindo a terra. E, porque a minha piedade, como quer que ela fosse me obrigava a crer que a bondade de Deus não criou nenhuma natureza má, estabelecia eu duas substâncias opostas a si mesmas, ambas infinitas: a do mal, mais diminuta, e a do bem, mais extensa. (AGOSTINHO, 1987, p. 83)

Do exame das coisas que os homens denominam más, Santo Agostinho conclui que o mal não pode estar só, não pode subsistir sozinho, mas deve existir em uma substância que, em si mesma, é boa. O mal é a privação de uma perfeição que a substância deveria ter. Por isso, o mal não é uma realidade positiva, mas uma privação de realidade. Pode-se, pois, definir o mal como *privação de bem*, isto é, privação de algum bem como ele próprio diz:

Vi claramente que todas as coisas que se corrompem são boas: não se poderiam corromper se não fossem sumamente boas, nem se poderiam corromper se não fossem boas. Com efeito, se fossem absolutamente boas, seriam incorruptíveis e, se não tivessem nenhum bem, nada haveria nelas que se corrompesse... aquele mal que eu procurava não é uma substância, pois se fosse substância seria um bem... pois nosso Deus criou todas as coisas muito boas. (AGOSTINHO, 1987, p. 83)

A causa do mal não é Deus. Sendo o mal a privação de uma perfeição devida, Deus não pode ser seu autor, porque, fazendo as coisas, Deus lhes dá tudo o que lhes é necessário, todo o ser que lhes compete. Como poderia, com efeito, aquele que é a causa do ser de todas as coisas ser a causa do não ser? Logo, a causa do mal não é Deus, tantas foram as dúvidas que o assaltaram nessa época que ele chegou a dizer a cerca de si mesmo nesse período: “Buscava a origem do mal, mas buscava-a erroneamente. E, ainda mesmo nessa indagação, não enxergava o mal que nela havia.” (AGOSTINHO, 1987, p.110). Resta que a causa do mal seja a criatura. Esta conclusão se tira também do exame das duas formas

Tendo o homem, desde sua concepção, por finalidade e objetivo primordial ser feliz. Nunca poderá se realizar como ser humano senão buscando e alcançando a felicidade. Esta é a finalidade da existência humana. Porém, reforçando o que antes já foi dito, há uma diferença entre querer ser feliz e ter vontade de ser feliz. Todos querem a felicidade, no entanto, nem todos têm vontade suficiente para buscá-la. Não obstante, todos de algum modo almejam e procuram a felicidade, tentando alcançar algum bem que lhes dê prazer. Mas a vontade humana será imprescindível para conduzir ao Bem Supremo e consumir essa felicidade. Para que a vontade alcance seu ideal, o homem usa como locomotiva o amor. É o amor que conduz a vontade humana. Poderá conduzi-la à verdadeira felicidade, ou à ruína. O amor a Deus, poderá conduzir o homem ao Bem Supremo, a Deus, tornando-o realizado, feliz. Porém, o apego ao temporal, o amor ao mundo poderá perdê-lo. Chegamos, pois a mais um passo a ser dado: se o homem é livre, será que pode sem hesitar escolher o amor ao Bem Supremo ou o amor temporal, pela sua própria vontade, sem que nada o influencie? É exatamente aqui que Santo Agostinho palmilha um caminho polêmico. Ao formular seu conceito sobre o homem, fica difícil entendermos que realmente o ser humano é livre em sua vontade. Vejamos: "O homem foi criado à imagem de seu criador, tendo assim a possibilidade de voltar a ele, buscá-lo, ser feliz. O homem foi criado com a" capacidade "de ter vontade de ser feliz." (AGOSTINHO, 1990, p. 145).

Quando o primeiro homem foi criado, ele possuía a completa liberdade. Tinha então livre-arbítrio não somente no campo da ação; também era capaz de escolher entre o bem e o mal. Em outras palavras, o homem então possuía liberdade no sentido formal, bem como capacidade de escolher o bem. Esta espécie de liberdade implicava, portanto, a capacidade de evitar; o bem ou o mal. A possibilidade do mal era necessária para haver "liberdade".

Mas, o que seria o bem e o mal para Santo Agostinho? Se o homem poderia, em seu estado original, optar entre o bem e o mal, seria o mal uma entidade? E, se Deus é a causa de tudo o que acontece, não seria o próprio Bem Supremo a causa do mal? Depois de um longo trabalho intelectual, Santo Agostinho chega a uma noção de mal que o põe em condições de afirmar que Deus não é a sua causa. Durante muito tempo aceitou a resposta maniqueia que atribui o mal a um princípio mau, contra estes maniqueus Santo Agostinho fala nas suas confissões quando diz:

Mas, como a carne combate o espírito e o espírito combate a carne, muitos não fazem o que querem, mas entregam-se àquilo que podem fazer. Com isso se contentam, porque aquilo que não podem realizar não o querem com a vontade quanta é necessária para o poderem fazer.

A vontade é livre para apartar-se do Bem imutável e aderir a bens mutáveis, tomando como objeto os bens da alma, sem referência a Deus, ou aos bens do corpo. A vontade busca necessariamente a felicidade, satisfação, essa felicidade unicamente pode ser encontrada em Deus, o bem imutável, mas o homem não tem a visão de Deus nesta vida, e pode voltar sua atenção aos bens mutáveis e aderir a eles em vez de Deus, e essa separação não é forçada, mas voluntária. A vontade humana é, pois, livre para voltar-se para Deus ou abandoná-lo. É na busca da felicidade que o homem exercita a sua liberdade, pois tem o direito de recusar-se a ser feliz. Esse se recusar a ser feliz em Deus é a prova do livre-arbítrio concedido a todos os humanos

## 1.2 MOTOR DA VONTADE

O homem, na busca da felicidade, exercita sua vontade. Nesse exercício, submete-se ao apego dos objetos que podem lhe proporcionar algum reforço. Por isso, *não será estranho Santo Agostinho afirmar que ato livre é também ato de amor*. Ele distinguia entre o amor ao bem supremo, *amor a Deus*, e o amor ao mundo - a saber, o desejo que busca o bem nas coisas temporais. Este foi denominado *amor ao mundo*. Os dois relacionam-se um com o outro como bem e mal. *Amor a Deus* é a única forma verdadeira de amor; amor ao mundo é a forma falsa, pervertida. Pode-se dizer, pois, que o poder de desejar é em si o mesmo em ambos os casos. No homem convertido é dirigido ao celestial e eterno. Sua vida é transformada pelo fato de que seu amor a Deus foi despertado, e este amor gradualmente subjuga seu amor ao mundo.

Santo Agostinho considera amor especialmente o que coincide com a vontade interna do homem. Este poderia dirigir-se para cima em direção a Deus e ao eterno, ou para baixo em direção ao que está sujeito à vontade, à criação, ao que é temporal. Aquele é amor a Deus, este, amor ao mundo. É o amor do homem que dirige sua vontade. Se amar as coisas temporais, sua vontade será direcionada a elas. Se amar as coisas eternas e imutáveis, deseja o bem e não o mal.

Procurei o que era a maldade e não encontrei uma substância, mas sim uma perversão da vontade, desviada da substância suprema - de Vós, ó Deus - e tendendo para as coisas baixas: vontade que derrama a sua entranhas e se levanta com intumescência. (AGOSTINHO, 1987, p. 187).

Há uma maneira diferente se ser feliz, quando cada um possui a felicidade em concreto. Há quem seja feliz simplesmente em esperança. Estes possuem a felicidade dum modo inferior ao daqueles que já são realmente felizes. Mas, ainda assim, estão muito melhor que aqueles que não têm nem a felicidade, nem a sua esperança. Mesmo estes devem experimentá-la de qualquer modo, porque, no caso contrário, não desejariam ser felizes. Ora, é absolutamente certo que eles o querem ser. (AGOSTINHO, 1987, p. 185-186)

Santo Agostinho no seu raciocínio sobre a existência humana; deseja ainda provar que esta concentração da vontade "humana" não se limita apenas a alvos fortuitos atemporais. Há um eudemonismo<sup>1</sup> em Santo Agostinho, mas não é o eudemonismo filosófico que afirma que a satisfação do desejo ou a realização do prazer próprio é o alvo mais elevado. Conforme Santo Agostinho, o alvo mais elevado é a união com o bem supremo, algo transcendente, não encontrado na esfera humana. O que o homem deseja acima de todas as coisas, é a sua felicidade, ele busca pela felicidade: "então, como Vos hei de procurar, Senhor? Quando Vos procuro, meu Deus, busco a vida feliz." (AGOSTINHO, 1987, p. 185) . O homem busca Deus e se completa nisso, é o bem supremo e, mesmo que possa aplacar seus desejos de obter vantagens temporais, isto não o satisfará inteiramente, não será ainda feliz. Prova disso é o fato de que o homem constantemente dirige sua atenção a novos alvos, não se satisfaz com o que é parcialmente bom que oferece valores de qualidade interior. O que corresponde plenamente ao destino humano, e aquilo a que se dirigem as suas aspirações mais profundas deve ser o bem supremo, algo de valor absoluto, não qualificado por qualquer coisa superior.

## 1.1 MEIO DE ALCANÇAR A FELICIDADE

A ética de Santo Agostinho é de amor. É a vontade que leva o homem até Deus, e por ela o homem torna-se sua possessão. Pois quando a vontade, que é o bem intermediário, se adere ao bem imutável o homem encontra nele a vida bem aventurada. Para que o homem alcance a felicidade, fim de sua existência dispõe de sua vontade, distinta de seu querer. Por isso é correto dizer que a ética dele é polarizada no dinamismo da vontade. A vontade, no entanto, é livre; porém, é preciso diferenciar o querer da vontade. Os homens querem ser felizes, porém sua vontade pode ser fraca em atingirem seu alvo. É aqui que vemos o livre-arbítrio humano, com base nas palavras do próprio Agostinho (1987, p. 187) que diz:

---

<sup>1</sup> Eudemonismo: Doutrina que admite ser a felicidade individual ou coletiva o fundamento da conduta humana. (ABBAGNANO, 1986)

conhecimento é que buscaremos a felicidade como finalidade do homem, com base no amplo pensamento de Santo Agostinho.

Na opinião de Santo Agostinho, o pressuposto básico de todo esforço humano é na concentração do homem sobre um objeto que lhe prometa trazer certos benefícios. Tudo o que o homem faz gira em torno da busca da realização, do desejo de se contentar. Chegamos a poder dizer que essa capacidade de espreitar a felicidade sem poder alcançá-la é inata e em Santo Agostinho poderíamos dizer ainda que o homem é de Deus e busca por Deus, isso fica claro no seguinte trecho das confissões:

Se por acaso, um objeto, por exemplo, um corpo qualquer visível – nos desaparece dos olhos e não da memória, conservamos a sua imagem lá dentro, e procuramo-lo até se nos oferecer a vista. Quando for encontrado, reconhecemo-lo, pela imagem que ficara dentro. (AGOSTINHO, 1987, p. 186) .

A felicidade é, sobretudo o que todos os homens desejam. Cada ser humano no mundo procura ser feliz, ninguém pode negá-lo de boa fé. Falando sobre a verdadeira alegria, e admitindo que muitos não a têm, alega que mesmo estes não se afastarão de algum tipo de alegria. "Contudo, a sua vontade jamais se afastará de alguma imagem de alegria". (AGOSTINHO, 1987, p. 187). Alguns podem eventualmente ter renunciado a serem felizes, porque estão decepcionados com a vida, porque nada mais esperam dela, porque sabem que não têm, ou deixaram de ter, os meios de alcançá-la, por exemplo, se estão incuravelmente doentes ou irremediavelmente diminuídos pela velhice, ou se seu único amor, o único ser que possa torná-los felizes, já não está neste mundo, contudo isso com certeza o desejo da felicidade não fugiu de seus corações, ainda tem neles alguma imagem de alegria. Confirma isso as palavras de Santo Agostinho no seguinte texto das confissões que penso ser necessário transcrever quase que por inteiro:

Como procurar, então, a vida feliz? Não a alcançarei enquanto não exclamar: "Basta, ei-la". Mas onde poderei dizer estas palavras? Como procurar essa felicidade? Como? Pela lembrança, como se a tivesse esquecido, e como se agora me recordasse de que a esqueci? Pelo desejo de travar conhecimento com uma vida, para mim incógnita, ou porque nunca a cheguei a conhecer, ou porque já a esqueci tão completamente, que nem sequer me lembro de tê-la esquecido? Então, não é feliz aquela vida que todos desejam sem haver absolutamente ninguém que não queira? Onde a conheceram para assim a desejarem? Onde a viram para a amarem? Que a possuímos, é certo. Agora, o modo é que eu não sei.

## 1. A FELICIDADE COMO FINALIDADE DA EXISTÊNCIA HUMANA

"Porque nos criastes para vós e o nosso coração vive inquieto enquanto não repousar em vós." (Santo Agostinho)

Desde muito tempo os homens buscam uma finalidade para sua vida. O anseio humano por um significado da existência, tem levado alguns até mesmo ao desespero. Discutiremos então a finalidade da existência humana, mas não vamos discutir toda sua amplitude com tantas opiniões que se tem a respeito, nos procuraremos discutir aqui, neste capítulo. "A Felicidade em Santo Agostinho", apenas os conceitos ligados ao autor.

Como os gregos, Santo Agostinho acreditava que o homem é um ser teleológico, ou seja, que tem uma finalidade, um objetivo em toda sua jornada existencial. O neoplatonismo ensinava que a tendência mais elementar encontrada no homem é a sua busca da felicidade, é esta idéia, acima de tudo, que constitui o elo entre Santo Agostinho e este sistema de pensamento.

Com o conhecimento de que a felicidade era para Santo Agostinho a finalidade da existência humana, caberia então mostrar uma definição para felicidade, porém, todos nós sabemos o que é felicidade, isso é óbvio, mas todos nós também compreendemos o significado de outras palavras, como vida, faculdade etc. contudo um esforço para definir nunca é uma precaução inútil, e tanto melhor se for breve.

No caso da felicidade, surge uma objeção: felicidade é algo pessoal, cada qual tem sua felicidade própria diferente daquela do outro. Portanto, não se pode dar nenhuma definição universal de felicidade. O argumento é nominalista, ou seja, ele bem reconhece que existe um nome geral, o termo felicidade, mas nega que lhe corresponda uma realidade única, ou mesmo simplesmente uma idéia geral na mente humana, pois para mim felicidade é o amor dos meus filhos, para outros o amor dos homens e das mulheres, para outros a religião e assim por diante. Contudo não podemos negar que em todas essas felicidades há um conjunto de características comuns que os filósofos chamam de essência. Adiantamos então que a fonte dessa felicidade em Santo Agostinho esta posta em Deus. Dentro desse

## INTRODUÇÃO

A crença num Deus misericordioso e um anseio filosófico moral pungente, rigor de estudo e clareza de palavras e ideais, são algumas das características que me levaram a escrever em *Santo Agostinho* e nele desenvolver um tema tão buscado hoje por todos: A felicidade.

Desde muito tempo os homens buscam uma finalidade para sua vida. O anseio humano por um significado da existência, tem levado alguns até mesmo ao desespero. Discutiremos então a finalidade da existência humana, mas não vamos discutir toda sua amplitude com tantas opiniões que se tem a respeito, nos procuraremos discutir aqui, nesta monografia intitulada *A Felicidade em Santo Agostinho*, apenas os conceitos ligados a esse autor e embora creiamos seja inesgotáveis os campos de pesquisa neste assunto, cremos que apenas em *Santo Agostinho* já é possível conhecer uma faceta impar de felicidade em toda a filosofia, e por demais necessária neste mundo que vivem sem rumos certos a seguir.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
1. A FELICIDADE COMO FINALIDADE DA EXISTÊNCIA HUMANA.....	07
1.1 MEIO DE ALCANÇAR A FELICIDADE.....	09
1.2 MOTOR DA VONTADE.....	10
1.3 VONTADE RESTAURADORA DO LÍVRE-ARBÍTRIO.....	15
2. O DESEJO QUE NEM SEMPRE TRAZ A FELICIDADE.....	17
3. DEUS COMO CAUSA E RAZÃO DA FELICIDADE.....	21
4. CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

## RESUMO

Segundo o pensamento de Santo Agostinho, o homem, em todo o tempo procura uma finalidade para sua existência. E como os gregos, ele também acreditava que o homem é um ser “teleológico” , que tem uma finalidade, um objetivo em toda sua jornada. E essa finalidade é a “felicidade”, fim último do homem. Felicidade é concentrada de forma diferente e individual, mais como todo conceito tem uma essência, podemos dizer que a essência de felicidade para Agostinho é “Deus”. O alvo mais elevado, sendo que quem procura Deus procura a felicidade.

Em suma, a felicidade consiste no ser humano descobrir sua origem seu fim e, a partir daí viver em conformidade, sendo que a felicidade é viver segundo “Deus” , que é causa e razão de toda felicidade.

**Palavras-chave:** Felicidade, Santo Agostinho, Existência humana, Deus.

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a Deus, que na sua grandeza, permitiu e proporcionou a oportunidade valiosa de conseguir chegar ao fim de uma batalha sendo vitoriosa.

Obrigada, Helio Pedro (esposos), Helio Filho e Ramiro Neto (filhos). Presentes de Deus para encher minha vida de prazer, alegria e apoio, pois os meus familiares foram os primeiros que acreditaram no meu potencial e no meu desejo de construir um novo sonho. Ajudaram-me a quebrar e destruir minhas próprias sombras, passando por cima das dificuldades.

Sou grata também a cada um dos mestres que nos instruíram nos caminhos que percorremos pra chegar até aqui. Meu muito obrigado em especial ao coordenador Pe Joaquim Jose Neto, que observador sempre me corrigiu com disciplina, carinho e paciência. És um grande profissional.

Também não poderia deixar de prestar minha homenagem aos meus colegas. Com meus companheiros aprendi a amar, a dividir idéias e ideais e até mesmo a ser tolerante.

Definitivamente conviver com vocês foi uma experiência única e especial.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pela força e coragem a mim dispensados, em todos os dias do curso de filosofia, e, sobretudo no decorrer deste trabalho; A meu esposo Hélio Pedro pelo apoio incansável, pela paciência com o tempo dele roubado para as causas do curso e ainda pelas suas palavras de encorajamento em todo tempo; A meus filhos Hélio filho e Ramiro Neto pela compreensão de minhas muitas ausências: a meus pais e irmãos pela confiança que também depositaram em mim.

FAUSTINA SILVA DE CARVALHO



## A FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a orientação do professor Ms. Joaquim José Neto

S-30797

Tombo n°	12.597
Classif.:	.....
Ex.: 1.	.....
	.....
	.....
	.....
Origem:	.....
Data:	29-01-07

RUBIATABA - GO

2006

Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba

**FAUSTINA SILVA DE CARVALHO**

**A FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO**

RUBIATABA - GO

2006